

APRESENTAÇÃO

A contextualização histórica do mundo do trabalho, não é particularidade apenas da classe trabalhadora urbana. As formas históricas do processo de trabalho observadas do ponto de vista do produto, comprovam que meios de trabalho e objeto deste trabalho são meios de produção. E, este trabalho, evidentemente é trabalho produtivo. Na literatura marxista, o processo de trabalho é puramente individual, ou seja, o trabalhador desenvolve todas as atividades laborais que lhe cabe, tendo em vista que mais tarde estas atividades se dissociam por meio da transformação deste processo em mercadorias industrializadas ou não. Neste sentido, podemos generalizar os sentidos do trabalho no campo para a classe trabalhadora urbana e rural, especialmente, os/as trabalhadores/as acampados/as e assentados da Reforma Agrária brasileira, como categoria explorada, desvalorizada e despossuída da terra.

Um dos desdobramentos da questão agrária brasileira inerente a centralidade do trabalho no campo goiano, foi discutido com profundidade por Julio Cesar Pereira Borges e Alex Tristão de Santana. Os autores contemplam os leitores da Revista Pegada, com uma análise verticalizada na explícita relação de poder e domínio entre fazendeiros e trabalhadores rurais na Fazenda Roça Goiana. Nesta perspectiva o sentido de hierarquia que compõe a estrutura de classe recai sobre a exploração do trabalho no mundo sertanejo goiano.

O artigo de autoria de Luciano Benini de Oliveira e Carlos Alberto Feliciano, elucida com clareza o movimento contraditório da juventude camponesa no espaço agrário brasileiro. Tratam das mobilizações dos jovens trabalhadores rurais que sonham e desejam realizar sua reprodução social por meio da qualificação profissional e intelectual, exigidas pelo mundo do trabalho assalariado urbano. Essa necessidade é constituída pela drástica situação que existe no campo brasileiro hoje, viabilizada pela falta de oportunidade de continuidade nos estudos dos jovens do campo.

O antagonismo estrutural entre capital e trabalho, é aqui mediatizado pelo Agrohídronegócio canavieiro, localizado na microrregião de Araçatuba. São 18 municípios receptores da mobilidade territorial do trabalho que movimentam trabalhadores oriundos dos estados de Alagoas e Maranhão. Nestes termos, as ações operadas pelo Agrohídronegócio canavieiro, direcionadas para a escolha de territórios para a produção de *commodities*, são as confirmações da exploração da força-de-trabalho, da produção da mais-valia e da acumulação do capital. Trata-se aqui das categorias analisadas minuciosamente por Messias Alessandro Cardoso.

O artigo assinado por Robzon Piñeros Lizarazo e Antonio Thomaz Junior, estabelece uma relação peculiar entre a mobilidade do trabalho e a juventude rural. O trabalho emprega uma escala de abrangência internacional, pois ao tempo que situa a realidade laboral e de vida dos jovens tra-

balhadores do campo no Pontal do Paranapanema - Brasil, convergem os mesmos objetivos de pesquisa, aos jovens rurais vinculados ao trabalho nas plantações de dendê, localizados no departamento de Meta na Colômbia. Essa leitura geográfica nos permite compreender em outras escalas, as formas esquemáticas com que o capital e o Estado exercem poder, domínio e controle social com o intuito de visibilizar ou negar a juventude rural nesta contemporaneidade global. Dessa forma é notória nossa percepção das expressões sociais que mostram, tanto a exploração do trabalho, como as resistências da classe trabalhadora do campo.

Finalmente, o pesquisador Tássio Barreto Cunha (o Baiano), esclarece que, uma das bases fundamentais do capital é o controle do trabalhador e da propriedade privada da terra, enquanto estrutura para apropriação da natureza como sua matéria-prima superior, transfigurando-a de acordo com os próprios ditames. Neste sentido, o controle do trabalho e da água, foi crucial para o capital manter seus processos acumulativos e expansionistas, especialmente no Oeste baiano com a manutenção da precariedade do trabalho, nos grandes latifúndios e, com o domínio de uma grande rede hídrica superficial e subterrânea. Trata-se do ambiente perfeito para a reprodução das safras recorde e a manutenção de uma constante de degradação da natureza e do trabalho.

Boa leitura

Edvaldo Carlos de Lima (o Lima)

Londrina, Verão de 2017